

**S. FRANCISCO DE ASSIS DESDE F. NIETZSCHE:
aspectos de “dionisíaco”, naturalismo, “amor-fati” no
“poverello de Assis” como possibilidade de uma nova
hermenêutica franciscana.**

***S. FRANCIS OF ASSISI FROM F. NIETZSCHE:
aspects of "dionysian",
naturalism, "fati love"; in the "poverello of Assisi"; as
a possibility of a new franciscan
hermeneutics.***

Jonas Matheus Sousa da Silva*
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo: Apresenta a vida e fragmentos dos escritos de S. Francisco de Assis, em sentido positivo, a partir de chaves de leitura dos conceitos de dionisíaco e amor fati no filósofo germânico F. Nietzsche, bem como da integração do naturalismo em seus escritos.

Palavras-chave: Francisco de Assis. Nietzsche. Nova-hermenêutica

Abstract: It presents the life and fragments of the writings of St. Francis of Assisi, in a positive sense, from reading keys of the concepts of Dionysian and fati love in the germanic philosopher F. Nietzsche, as well as from the integration of naturalism in his writings.

Keywords: Francis of Assisi. Nietzsche. New hermeneutics

Realizar uma leitura de tópicos da biografia e escritos de um santo cristão e medieval do século XIII a partir de conceitos de um filósofo não crente do século XIX, mesmo que pareça diacrônico e inconciliável, é um exercício criativo e superador de contingências; sobretudo, por se tratar de dois gigantes que ainda falam às culturas atuais: São Francisco de Assis¹ e Friedrich Nietzsche.

Apesar de Arthur Schopenhauer, de quem Nietzsche foi dedicado leitor, tecer elogios a São Francisco, Nietzsche parece desconsiderá-lo em dois de seus aforismos coligidos em *Vontade de potência*².

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Pará.

¹ São Francisco de Assis é apresentado positivamente em Schopenhauer (2005, p.488; 2012, p.183) e em Freud (2019, p. 109).

² “...Esta es una pobre forma de pensar... Signos de una raza agotada... No hay que dejarse engañar. («Sed como los niños»). La Naturaleza emparentada con esto: Francisco de Asís, neurótico, epiléptico, visionario, como

É fato que Nietzsche não pôde ler edições críticas das *Fontes Franciscanas* ou de biografias críticas de S. Francisco, possivelmente, como Schopenhauer, apenas teve acesso às lendas de S. Boaventura de Bagnoregio, pois Pedrosa (1998, p. 6-7) indica que até 1893 os escritos de S. Francisco e suas biografias que circulavam pela Europa estavam compendiadas nos tomos organizados por Lucas Wadding, em 1623, e por Manuel de S. Boaventura, em 1748, ambos desprovidos de seleção crítica, confusos e sem distinção entre fontes originais e textos apócrifos.

Quanto à posição de Nietzsche sobre S. Francisco, o filósofo Massimo Cacciari ao se referir ao mendicante voluntário, encontrando-se com Zarathustra afirma que:

Nietzsche reduz Francisco à medida do ‘compassivo’ e não o entende como, pelo contrario, expressão daquele *amore* grande, que supera “*Vergebung* e *Mitleiden*, perdão e compaixão”, aquele amor que se oferece aos próximos, não para reconfortá-los, consolá-los ou ‘deixá-los em paz’, mas para transformá-los, Aquele amor que exige a *conversio* do amado – que quer criar o que ama (Zarathustra, *Dos compassivos*)³. Mas esse *além* do amor é profundamente semelhante àquele que assume corpo e voz no apelo franciscano à *pobreza* (CACCIARI, 2016, p. 97-98).

Ainda que filho de pastor protestante⁴, Nietzsche só pode desferir seus golpes de martelo no conceito de Deus, atestando a morte de Deus em *A gaia ciência* §125, numa exegese bíblica e no cristianismo que ele compreendia a partir de sua perspectiva germânica e moderna, assim o que ele solapa é um discurso moderno sobre Deus e o cristianismo com sua práxis de então, afirmando-se junto ao racionalismo e absolutismos, “um produto da mente humana. [...] os filósofos não combateram e demoliram o Deus verdadeiro, e sim um ídolo de Deus, vão simulacro” (CANTALAMESSA, 1998, p.116)⁵.

Levando em conta essas considerações, evidencia-se que o método deste artigo consiste em evidenciar conceitos nietzschianos, junto a esclarecimentos de competentes comentadores, como perspectivas para compreender eventos da vida e pensamento de São Francisco de Assis através dos tópicos: *dionisiaco*, naturalismo e *amor fati* e, nessa perspectiva nietzschiana do pensar a potência da vida, olhar com nova perspectiva ao *poverello* de Assis, através dessa hermenêutica contemporânea, para além daquela que fora mantida pelo discurso religioso até o

Jesús.)” (NIETZSCHE, 2000, p. 174 - Af:221). / “El enamorado y popular Francisco de Asís, el poeta, lucha contra las categorías de las almas — «todos son iguales ante Dios».El ideal popular: el hombre bueno, el abnegado, el santo, el justo. ¡Oh, Marco Aurelio!” (NIETZSCHE, 2000, p.257 - Af: 357).

³ (cf: NIETZSCHE, 2011, p. 84-86).

⁴ “O pai de Nietzsche foi pastor protestante. Esta circunstância deu ao seu lar um fundo de piedade e retidão e este matiz se conserva no tom altamente moral das obras de Nietzsche, mesmo nas mais rebeldes” (RUSSELL, 2016, p. 416-417)

⁵ “O anúncio da morte de Deus, o núcleo da reflexão de Nietzsche, indica o progressivo desaparecimento na cultura do homem moderno de todas as filosofias, religiões ou ideologias que no passado exerciam a tarefa de iludi-lo e consolá-lo” (NICOLA, 2005, p. 413).

aggiornamento promovido pelo Concílio do Vaticano II (1962-1965) - que oficializou o diálogo da Igreja Católica com o pensamento contemporâneo.

1. Dionisíaco

A esfera instintiva e criativa da energia da vida é expressa no conceito nietzscheano de *dionisíaco* que, ao modo de leve introdução neste artigo, pode ser aplicado a S. Francisco de Assis seja na sua juventude boêmia, seja nos seus empenhos bélicos para ascender à ordem da cavalaria; no entanto, após a reviravolta de sua existência na dimensão *apolínea* da conversão a mensagem de Cristo e a vida de penitência, não se tem base para afirmar nele a exclusão do aspecto dionisíaco, então manifesto, sobretudo, na sua vida poética e intuitiva de *pazzo*⁶ de Deus.

Na obra *O nascimento da tragédia*, inspirado nos deuses mitológicos Dionísio e Apolo da mitologia grega, Nietzsche conceitua o *dionisíaco* por um se enredar os laços entre as pessoas e a reconciliação do ser humano com as forças da natureza (cf: NIETZSCHE, 2007, p. 28), oposto ao *apolíneo* que é “aquela limitação mensurada, aquela liberdade em face das emoções mais selvagens, aquela sábia tranquilidade do deus plasmador” (NIETZSCHE, 2007, p. 26).

Nesse sentido, mesmo que as duas dimensões se misturem na origem onírica da arte, ao passo que o *dionisíaco* é a dimensão mais colada ao dinamismo da natureza, o *apolíneo*, entregue a si, representa a medida que produz uma ficção retórica da realidade natural e da dinâmica da vida. Assim, para a estética nietzscheana, “Dionísio é o deus do êxtase e da música. Ele incorpora o anseio pela transgressão dos limites da personalidade e do mundo cotidiano, pela perda de si no êxtase ou na entrega à dança, pelo sentimento de estar unido a outros homens e à natureza” (HELFERICH, 2006, p. 340).

Vivendo essa dimensão da existência, o jovem Francisco de Assis com seus companheiros alegrava as noites de Assis com suas farras e prodigalidade, segundo as fontes biográficas como a *Legenda dos Três Companheiros*, I,2 (cf: TEIXEIRA, 2008, p. 790-791). Conforme a I Vida I,2 de Tomás de Celano (apud TEIXEIRA, 2008, p.199), Francisco “causava admiração a todos e esforçava-se por ultrapassar os outros no fausto da vanglória, nos jogos, nas extravagâncias, nas palavras jocosas e frívolas, nas canções, nas vestes macias e amplas: [isto], porque era muito rico, não avarento, mas pródigo”.

Mesmo após a intensificação da dimensão *apolínea* em sua existência compassada pelas suas constantes penitências para domar as concupiscências corporais, Francisco vivencia no seu modo de ser cristão, um *novo cristão*, não só o *apolíneo* - como é de práxis na vida moral cristã ao estilo das grandes regras e culturas monásticas circunscritas por regulamentos e discursos

⁶ Cf: I Fioretti 2. (TEIXEIRA, 2008, p. 1488).

metafísicos, que receberá em seus escritos da teologia de Inocêncio III e sua cultura jurídica como condição para ter proteção da instituição eclesiástica da sua época (cf: SABATIER, 2006, p.159-168) - mas, também, a pujança criativa e imediata do *dionisiaco*. “Nietzsche sempre enfatizou como as emoções e as forças irracionais exercem um papel importante na construção dos valores humanos” (WARBURTON, 2017, p. 191); isso Francisco soube vivenciar em sua existência.

O estilo de Francisco de Assis é um *novo modo*, colado e próximo com a própria vida na sua natureza, que ele percebe como *criaturas* ou *fraternidade universal*, vivendo-as, no se fazer próximo e aberto a contingência da fragilidade e da tragédia humana manifesta nos pobres e expropriados fora dos muros de Assis, não como uma prática circunstancial da esmola cristã, mas como a vida com e como os pobres, na nova realidade da “disponibilidade total expressa por ele como minoridade” (BOFF, 1981, p. 95).

Assim, o discurso de Francisco não é nem regular nem escolástico, porém poético e místico, intuitivo, um celebrar com a *convivialidade* da natureza (cf: TEIXEIRA, 2008, p.406-410) e a espontaneidade das pessoas que não têm porque se esconder por trás das máscaras de discursos que legitimavam os *status sociais* medievais.

Por Francisco de Assis, a natureza é vista, mesmo que numa visão mística através da poesia, como vida que fala por si, desenvolvendo-se e encantando o ser humano. Por mais que venham a ser nocivos ao ser humano, como é o caso da experiência de Francisco com o fogo (cf: TEIXEIRA, 2008, p.405), os elementos naturais, para ele, integram com o ser humano o todo, ou *fraternidade universal*.

2. Naturalismo

Na perspectiva de recepções do darwinismo pelas reflexões culturais do século XIX, encontramos-las também em Nietzsche, afins da evolução da ciência perante a experiência do mundo contra qualquer discurso metafísico e dedutivo sem base na indução científica.

Em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* (1873), encontra-se a crítica nietzscheana aos padrões estabelecidos na política da linguagem sobre o que é verdade ou mentira como uma forma efêmera e própria de auto-afirmação; como o instinto de defesa da humanidade que busca esquadrihar, em seus conceitos, de uma forma generalizadora todos as individualidades do universo, o que revela uma projeção do ser humano sobre o caos das manifestações de fenômenos diversos na natureza. Trata-se de um *impulso à verdade* como mecanismo de defesa, “descobre-se uma designação uniformemente válida e impositiva das coisas, sendo que a legislação da verdade oferece, também, as primeiras leis da verdade”

(NIETZSCHE, 2008, p. 29)⁷.

Assim, as próprias palavras que designam certas características das coisas são escolhidas e impostas arbitrariamente, “reprodução de um estímulo nervoso em sons” (NIETZSCHE, 2008, p. 30). Então, a verdade é “um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos [...] uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente” (NIETZSCHE, 2008, p. 36) e, os conceitos são resíduos delas, organizados pela arquitetura humana. Do ser humano da abstração matemática e conceitual, oposto ao ser humano intuitivo, como o da Grécia antiga que formava uma cultura no domínio da arte e da tragédia sobre a vida que vive, alegra-se e sofre com mais intensidade encontrando-se com a realidade da existência da vida.

Em outra obra: *Humano demasiado humano, livro para espíritos livres* (1878/1886), Nietzsche corrobora perspectivas naturalistas:

No §1, defende a necessidade de uma química embasada nos conceitos e sentimentos ao invés de uma metafísica formulada como há mais de 2000 anos, ou mesmo, de uma filosofia histórica (cf: NIETZSCHE, 2005, p. 15).

No §3, contrapõe a *adoração das formas* com sua beleza à intuição da simplicidade sem pensamento rigoroso, como marca de verdadeira virilidade na estima pelas pequenas verdades despreziosas encontradas com método rigoroso na ciência indutiva (cf: NIETZSCHE, 2005, p. 16).

No §9, apesar de não contestar a probabilidade da existência de um mundo metafísico em sua alteridade, considera-o como de pouca significação prática para o mundo da vida (cf: NIETZSCHE, 2005, p. 20).

Na obra *A gaia ciência* (1882), Nietzsche (2017, p.119-124) convida, no §109, a evitar a concepção animada do mundo e, mesmo, aquela mecanicista da modernidade, dado que o mundo não é impelido por nenhum juízo estético ou moral humano. Em §110, tratando da origem do conhecimento, diz que a sua força não está no grau de verdade, mas na antiguidade, na assimilação e na sua condição vital. Nisso, vê-se que por muito tempo a afirmação do intelecto humano sobre o mundo apenas produziu erros movidos pelo instinto de sobrevivência conforme um utilitarismo das coisas consideradas boas para manutenção da própria vida humana, o que seria um *instinto de/para a verdade*.

No §111, Nietzsche disserta sobre a origem da lógica a partir do ilogismo e do desaparecimento de seres que raciocinavam de uma maneira diferente da nossa, devido a adaptação e a evolução com suas possibilidades de sobrevivência.

No §112, pensando que na teoria da causalidade, as sucessões entre causas e efeitos não passam de uma ingênua tentativa de descrição numa compreensão humana de fenômenos no

⁷É relevante notar que a crítica de Nietzsche à linguagem, manifesta em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, teve precursora na filosofia de Duns Scotus (1266-1308), pensador da escola franciscana, através das suas reflexões sobre linguagem e gnosologia ligadas ao seu conceito de *Hecceidade* (cf: NEPPO, 2020).

universo. Sendo, por isso, o próprio discurso científico é uma humanização das coisas que estão aí, de uma infinidade de fenômenos que são captados pelos sentidos humanos frente à outra infinidade que são ignorados.

Dados tais pressupostos da recepção do naturalismo em Nietzsche, averigua-se nas fontes biográficas franciscanas, como o estilo de vida de Francisco de Assis não vai de todo contra essa perspectiva enfatizada pelo filósofo alemão.

Em Francisco de Assis se encontra uma experiência originária dos elementos da *criação universal*, mesmo vistos em *chaves bíblicas* e da fé cristã, como o criacionismo e o *milagre* como possibilidade. A relação de Francisco de Assis com cada elemento, com cada criatura não é um apropriar-se técnico e descritivo das coisas, ou mesmo do ser humano, mas, antes, é uma posição de abertura para receber aquilo que cada coisa é e manifesta em si mesma em chave poética e trágica⁸, a admiração mística e festiva da vida *natural*, como o *livro da natureza* ao qual não se impõe o discurso filosófico ou de autoridade peculiares ao medieval, mas se escuta o que cada coisa comunica de si mesma. Tal realidade transparece no seu *Canto do Irmão Sol* (cf: TEIXEIRA, 2008, 104).

É diacrônico tentar observar em Francisco de Assis um conceito de verdade subjetiva, que apareceu na Teoria do conhecimento e na Epistemologia, modernas.

Em Francisco, (cf: SABATIER, 2006, p. 108-109), homem poético e realista, não se percebe uma visão romântica ou alienada acerca do drama humano. Ao contrário, Francisco vive com e como os pobres do seu tempo numa solidariedade originária e desinteressada por qualquer prêmio metafísico ou eterno ou de bênçãos nesta terra, não usa o hanseniano e o pobre como meios, mas entusiasmado pelo modelo radical de Jesus de Nazaré, que revela uma presença não manipulável ou redutível da divindade, e os primeiros discípulos como espíritos livres, resolve reviver com os seus companheiros de conversão àquela vida original; “...em Francisco se percebe a hegemonia soberana do *Eros* sobre o *Logos*, uma comunhão e confraternização com toda a realidade como nunca se vira antes” (BOFF, 1981, p.33).

A superação do *niilismo negativo*⁹, evidenciado por Nietzsche, também pode ser identificada no estilo de vida sanfranciscano quando nos deparamos com Francisco de Assis que escolhe reviver, no seu século, a vida original de Jesus Cristo, que faz assomar uma fé religiosa que não está vinculado ao discurso religioso do *status quo* de sua época e daquela cristandade medieval, tem-se, nisso, a superação de certos discursos religiosos, bélicos e políticos caros a

⁸ “No pensar arcaico como o de S. Francisco o eu é provocado a alçar-se acima de si mesmo, abrir seu círculo fechado e irmana-se com as coisas para juntos cantar o louvor ao Grande Pai. Mas isso só é possível mediante uma profunda ascese e um esforço ininterrupto de despojamento e de renúncia de querer possuir e dominar as coisas” (BOFF, 1981, p. 54).

⁹ “O niilismo é nossa lenta caminhada em direção ao abismo. Enquanto o niilista é o acusador: dos outros, de si, da existência, de tudo. [...] Ou seja, o niilista quer viver, mas só pode fazê-lo de modo doentio, impotente, estendendo uma grande cortina negra sobre a realidade para não encará-la” (RAZÃO, 2020- meio eletrônico)

sua época, como os que incentivavam as Cruzadas contra o islã, de fato,

a sua [de S. Francisco de Assis] visita ao Sultão Malik-al-Kamil, no Egito [...] exigiu dele um grande esforço, devido à sua pobreza, aos poucos recursos que possuía, à distância e às diferenças de língua, cultura e religião. Aquela viagem, em um momento histórico marcado pelas Cruzadas, demonstrava ainda mais a grandeza do amor que queria viver, desejoso de abraçar a todos [...] Não fazia guerra dialética impondo doutrinas, mas comunicava o amor de Deus” (FRANCISCO, 2020, p.11-12).

Após a consideração sobre o aspecto naturalista no pensamento de Nietzsche e, a partir dela, a aplicação dessa perspectiva para compreender S. Francisco, passa-se a uma introdutória abordagem do tema do *amor fati* no filósofo e a constatação dessa vivência no santo de Assis.

3. “Amor fati”

Repensando o *cogito* cartesiano e exprimindo seu desejo mais caro para o início de um novo ano, Nietzsche escreveu em *A gaia ciência* §276:

o pensamento que deverá ser doravante para mim a razão: a garantia e a doçura de viver! Quero aprender cada vez a considerar mais como belo o que há de necessário nas coisas: - assim serei daqueles que tornam belas as coisas. *Amor fati*: que esse seja doravante meu amor. Não quero mover guerra à feiura. Não quero acusar, não quero acusar nem mesmo os acusadores. *Desviar* meu olhar, que seja essa minha única negação! E, numa palavra, para ver grande: só quero ser um dia afirmador! (NIETZSCHE, 2017, p. 168).

Amor fati, traduzido como *amor ao destino*, é um modo de vida já pensado pelo estoicismo e reproposto no pensamento nietzchiano. Trata-se de abraçar a vida como ela acontece realmente na sua contingência, sem a fantasiar com concepções e linguagens românticas ou metafísicas de um mundo ideal ou perfeito que sirva de critério (e cautério) para a existência real em sua dramaticidade. Assim, a vida e o destino serão aguerridamente abraçados e fruídos, no prazer e na dor, na sublimidade e na brutalidade, na saúde e na enfermidade, na vida e na morte, em todas as suas facetas.

Em Francisco de Assis, mesmo que movido por enlevamento poético para com Deus e aí perceber o criado em perspectiva criativa, o seu enlevo para com a vida e para com a diversidade da energia manifesta na pluriformidade dos entes, revela nele aquilo que seria o amor ao destino - *A Gaia Ciência* §276-§278 - (cf: NIETZSCHE, 2017, p.168-169), tornando-se o que se é sem fugir daquilo que é verdadeiramente ser humano do mundo.

A alegria de viver (*hilaritas*: jovialidade) fora fundamento das ações e atitudes

de Francisco de Assis. “Poder-se-ia dizer de Francisco que a alegria do homem está na ação [...] A alegria tudo transfigura, colocando-se acima de tudo” (BOUGEROL, 1993, p.45). As alegrias do santo de Assis provinham igualmente, de seu êxtase ao considerar na criação, a natureza e a vida como dons feitos ao ser humano¹⁰, desse modo tal atitude o fazia comungar não só com a fraternidade universal e cósmica, mas também com a fraternidade humana, dos seus companheiros da primeira comunidade franciscana, com os leprosos e marginalizados, chegando a abraçar, numa liberdade aberta, tudo que é humano, mesmo o sofrimento e a morte. “A alegria de Francisco situa-se para além da pobreza e da humilhação. Alimenta-se também da tribulação, dos sofrimentos, da morte” (BOUGEROL, 1993, p.47).

Para Nietzsche (2017, p. 169), por mais que as confusões das ruelas, com as precisões e vozes em torno do pensamento do passado como nada ou do futuro como tudo, com necessidades de se ensurdecer e de extravasar, “a morte, o silêncio da morte são as únicas certezas que todos têm nesse futuro! Como é estranho que essa única certeza, essa única comunhão seja quase impotente em agir sobre os homens e que eles estejam tão longe de sentir essa fraternidade da morte!” [*A Gaia Ciência* §278]. De fato, a meditação sobre a própria morte poderia contribuir, não só para se pensar com excelência a ideia de vida, porém, para se viver com excelência e dignidade, tomando o leme da própria existência.

Sabe-se que Nietzsche sempre buscou viver esse *ethos*, não obstante sua saúde precária (cf: MARTON, 2016); bem antes, porém, assim vivera Francisco de Assis.

Mesmo com os seus sofrimentos e contingências, mas com um gesto de louvor que se expressa até com o advento da própria mortalidade, Francisco acolheu o advento de sua morte: “Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum vivente pode escapar” (TEIXEIRA, 2008, p.105). Francisco compôs essa última estrofe do *Cântico do Irmão Sol* e fez com que os seus companheiros despissem o seu corpo e *o depusesse nu sobre a terra nua*, para que concluísse sua existência na história (cf: TEIXEIRA, 2008, p. 718).

Considerações finais

Tomadas as devidas considerações no que é possível comparar ideias do filósofo que “tentou sobretudo promover a supremacia do homem que fosse o melhor, ou seja, de caráter mais vigoroso e saudável” (RUSSELL, 2016, p. 416) com as biografias e escritos de S. Francisco de Assis, depurados pela crítica, conclui-se com êxito as comparações entre *dionisíaco*, aspectos de naturalismo e *amor fati* do pensador alemão, aplicando-se como chave de verificação

¹⁰ G. K. Chesterton, pensador inglês ligado à literatura jornalística e a filosofia escreveu em 1923 a obra “*St. Francis of Assis*” redigindo em 10 capítulos uma biografia do santo com o destaque para a alegria do *trovador* de Assis e “*jongler de Dieu*”.

positiva nas fontes literárias que preservam os ditos e fatos que circundaram a existência do “*Poverello* de Assis”. Ainda se pode verificar, como questão pertinente a futuras pesquisas, a compatibilidade entre o modo que S. Francisco viveu a preciosidade do seu ser-tempo em cada momento presente e sua responsabilidade para com o exercício de sua liberdade com a intuição nietzscheana do “Eterno Retorno” (cf: *A Gaia Ciência* § 341).

Referências

BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis: ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes/Cefepal, 1981.

BOUGEROL, J. Guy. Alegria: verbete. In: CAROLI, E. (org.). **Dicionário Franciscano**. [Trad: A. R. Guimarães; O. Reis]. Petrópolis: Vozes; CEFEPAL, 1993, p. 43-48.

CACCIARI, Massimo. **Duplo retrato: São Francisco em Dante e Giotto**. [Trad: D. Bottmann; F. Carotti]. Belo Horizonte: Ed. Âyiné, 2016.

CANTALAMESSA, Raniero. **Subida ao monte Sinai**. [Trad: M. Ruffier; M. Marcionilo]. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

CHESTERTON, G. K. **São Francisco de Assis**. [Trad: Anônimo]. Campinas: Ecclesiae, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti: carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulus, 2020.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. [Trad: R. Zwick]. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HELFERICH, Christoph. **História da Filosofia**. [Trad: L. S. Repa; M. E. H. Cavalheiro; R. Nascimento]. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARTON, Scarlett. **Quem somos nós? | Friedrich Nietzsche por Scarlett Marton**. Produzido por: Quem somos nós?, 2016. 1 vídeo (01:12:08h). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5L2K6HKrEyA>>. Acesso em 14 jan. 2022.

NEPPO, Bruno. **O que é HECCEIDADE em Duns Scotus | Vocabulário Filosófico #32**. Produzido por: Filosofares - Bruno Neppo, 2020. 1 vídeo (11:36 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YFbb3wkBzgI>>. Acesso em 14 jan. 2022.

NICOLA, Ubaldo. Nietzsche. In: _____. **Antologia ilustrada de Filosofia: das origens à idade moderna** [Trad: M. M de Luca]. São Paulo: Globo, 2005, p.405-419.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. [Trad: A. C. Braga]. São Paulo: Lafonte, 2017.

_____. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. [Trad: P. C de Souza]. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. [Trad: P. C de Souza]. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. **La voluntad de poder**. [Trad: A. Froufe]. Madrid: EDAF, 2000.

_____. **O nascimento da tragédia: ou Helenismo e Pessimismo** [Trad: J. Guinsburg]. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. **Sobre verdade e mentira**. [Trad: F. M. Barros]. São Paulo: Hedra, 2008.

PEDROSO, F. J. C. C. **Fontes Franciscanas: apresentação geral**. Piracicaba: CFE, 1998.

RAZÃO inadequada [site]. **4 formas de niilismo: um diagnóstico nietzscheano**. 2020. Disponível em: < <https://razaoinadequada.com/filosofos/nietzsche/4-formas-de-niilismo/>>. Acesso em 02 out. 2020.

RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**. [Trad: L. Alves; A. Rebello]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis** [Trad: O. A. Bernardi]. Bragança Paulista: IFAN / Ed. USF, 2006.

SHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação: I tomo**. [Trad: J. Barboza]. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.